

Relatório 2025

aggreko

O setor de óleo e gás na América Latina

Como as empresas latino-americanas de óleo e gás vêm se adaptando às mudanças globais e à transição energética



Introdução	03
Setor de óleo e gás Cenário Latino-americano	
Pesquisa	07
O que dizem os profissionais do setor	
Argentina	16
Protagonismo do gás natural Cenário regulatório em mudança Tendências e próximos passos	
Brasil	18
Matriz energética brasileira Transição energética: metas, leis e dilemas Tendências e próximos passos	
Chile	20
Importações de energia Transição energética: metas, leis e dilemas	
Colômbia	22
Uso da energia: como o país se abastece Transição energética: metas, leis e dilemas Tendências e próximos passos	
Equador	24
Uso da energia: como o país se abastece Transição energética: metas, leis e dilemas	
México	26
Uso da energia: como o país se abastece Transição energética: metas, leis e dilemas	
Peru	28
Uso da energia: como o país se abastece Transição energética: metas, leis e dilemas	
Considerações finais	30

Setor de óleo e gás

Nos últimos anos, o debate global sobre energia que está presente no dia a dia das empresas de óleo e gás gira em torno de duas temáticas principais: garantir suprimento para que a economia continue crescendo e acompanhando o desafio de países que consomem cada vez mais energia, e ao mesmo tempo, assegurar que o setor esteja alinhado com os objetivos climáticos e sustentáveis com metas cada vez maiores de descarbonização.



Neste cenário, a América Latina se destaca como uma região de relevância estratégica onde o setor de óleo e gás exibe uma maturidade operacional que combina variados contextos geológicos, regimes regulatórios e prioridades dos setores público e privado.

O setor de óleo e gás é uma das principais forças econômicas de boa parte dos países na região. Em contrapartida, a falta de investimentos consistentes e ágeis em exploração petrolífera, por exemplo, pode levar ao esgotamento das reservas de alguns países [latino-americanos](#) em menos de uma década. Esse cenário reforça a necessidade de políticas públicas que incentivem a entrada de novos recursos, aprimorem a governança do setor e impulsionem a descoberta de novos campos de petróleo na região.

Nos sete países analisados, Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México e Peru, o núcleo do setor de óleo e gás está nas mãos

de companhias estatais ou de capital misto, que controlam boa parte da infraestrutura estratégica, como oleodutos e gasodutos, as grandes refinarias e os terminais de logística. Em comum, todos esses mercados têm o óleo e o gás como motores do crescimento, fontes de emprego e ferramentas para financiar serviços públicos. Alguns países da região emergem como polos principais para o setor de óleo e gás, mas cada país tem seu próprio ritmo, seus desafios e suas metas.

Neste relatório buscamos analisar como alguns dos principais mercados latino-americanos conciliam a necessidade de garantir segurança energética, sustentar receitas fiscais e, ao mesmo tempo, avançar na transição para matrizes mais limpas no setor de óleo e gás. Examinamos a composição da oferta de energia de cada país, o status atual de seus mercados, as metas climáticas, os instrumentos regulatórios e as iniciativas corporativas.



Cenário Latino-americano

Apesar do avanço das energias renováveis, o petróleo e o gás natural continuam fundamentais para a matriz energética da América Latina. Eles garantem segurança no abastecimento, sustentam receitas públicas e impulsionam o desenvolvimento industrial. Cada país da região apresenta um perfil de produção distinto, com estratégias moldadas por seus recursos disponíveis, capacidades operacionais e prioridades econômicas.

Produção de óleo e gás

Na Argentina, os esforços estão concentrados na [região de Vaca Muerta](#), na Patagônia. O país abriga a [segunda maior reserva](#) de gás de xisto do mundo e se destaca pelos recursos em gás natural não tradicional, que vêm ganhando espaço como alternativa energética para usinas e possível fonte de exportação.

O mesmo acontece no Peru, onde o gás natural ocupa [posição estratégica](#): além de abastecer termelétricas que respondem por cerca de um terço da geração elétrica, garante tarifas competitivas e sustenta o terminal de LNG na costa do Pacífico sul-americano. O Chile, por sua vez, conta com poucas reservas de petróleo, por isso, utiliza o [gás natural da região de Magalhães](#), sul do país, para complementar sua matriz energética.

No Equador, o petróleo e o gás seguem como [pilares da balança comercial](#). Assim como no México, onde a estatal Pemex domina toda a cadeia e tem planos de [diminuir a exportação de petróleo](#). Na Colômbia, os campos onshore dos Llanos Orientales e os [blocos offshore do Caribe](#) formam a espinha dorsal do setor. A produção de petróleo representa uma parcela expressiva das exportações e das finanças públicas. No Brasil, por fim, o [pré-sal continua como principal motor](#) da produção petrolífera, especialmente nas bacias de Santos e Campos. As plataformas offshore vêm batendo recordes e [sustentam a arrecadação](#) dos estados produtores.



EyeEm Mobile GmbH/Stock





Lorenasam/istock

Transição energética e renováveis

Ao mesmo tempo em que mantêm suas operações com combustíveis fósseis, os países latino-americanos vêm incorporando progressivamente práticas e tecnologias voltadas para uma matriz energética mais sustentável. A transição energética avança de forma desigual, mas é marcada por investimentos em renováveis, eficiência energética e redução das emissões.

Na Argentina, a estatal YPF [opera parques eólicos](#) e [firmou parceria](#) com a Shell para erguer a primeira planta de liquefação de gás voltada à exportação de GNL de baixo carbono. Também conduz pilotos de hidrogênio verde na Patagônia. A Vista Energy e a Pan American Energy seguem a mesma direção, instalando geração renovável para autoconsumo. O Equador também dá sinais de transição. A estatal Petroecuador, principal motor para as [mudanças operacionais](#), lança projetos fotovoltaicos em estações do Oleoduto Norperuano e [testa biodiesel](#) na frota logística. Consórcios estrangeiros [firmam acordos de reflorestamento](#) na Amazônia, visando à geração de créditos de carbono.

No Brasil, a estatal Petrobras tem ampliado investimentos em transição energética. A estatal [injeta grandes volumes](#) de CO₂ em reservatórios do pré-sal, além de investir em [diesel renovável](#) e [biometano](#). Entre as empresas privadas, algumas têm apostado em ações com foco em sustentabilidade para mitigar os impactos.

O Chile também mostra avanços importantes. A ENAP converte refinarias para [coprocessar óleo vegetal](#) e fabricar diesel renovável, além de instalar eletrolisadores em terminais de GNL. A Engie, por sua vez, [desativa suas térmicas a carvão](#), enquanto a Copec [amplia postos](#) com carregadores para veículos elétricos. Na Colômbia, a estatal Ecopetrol diversifica sua atuação com projetos de gás marítimo e pilotos de hidrogênio. Opera [fazendas solares](#) para autoconsumo, iniciou [produção experimental de hidrogênio verde](#) na refinaria de Cartagena e prepara testes de [captura de carbono](#) em campos maduros.

No México, o destaque vai para o [Plano Sonora](#) liderado pela Comissão Federal de Eletricidade, estatal de energia elétrica mexicana, que integra energia solar em larga escala e projetos de hidrogênio verde no deserto. A Pemex moderniza refinarias para [reduzir o teor de enxofre nos combustíveis](#), avalia soluções de captura de carbono, enquanto parcerias público-privadas desenvolvem parques eólicos no Istmo de Tehuantepec e [projetos de amônia verde](#).

O Peru, por fim, tem utilizado os recursos provenientes do gás natural para viabilizar a expansão das renováveis. O [consórcio Camisea](#) financia linhas de transmissão viabilizando usinas solares, estuda armazenar CO₂ em reservatórios exauridos e, em parceria com a Petroperú, [incorpora caldeiras](#) a gás de menor emissão em refinarias. A [Repsol](#) também contribui com a instalação de pontos de recarga para veículos elétricos em Lima.





Desafios da Indústria

Embora o setor energético da América Latina apresente avanços significativos, os desafios estruturais permanecem e colocam em risco a continuidade e a expansão dos projetos. Questões como infraestrutura deficiente, pressões ambientais, dependência externa e entraves regulatórios afetam a competitividade e a segurança energética da região. No Chile, o equilíbrio entre a produção local de gás e a importação de líquidos é um desafio permanente, especialmente para manter preços acessíveis à indústria de mineração, grande consumidora de energia.

Na Colômbia, além do declínio natural da produção, o setor enfrenta crescente pressão regulatória por práticas mais sustentáveis. Há também a necessidade de reduzir a dependência de combustíveis importados, o que reforça a importância da diversificação para manter a oferta. No Equador, os problemas de geração e abastecimento exigem transformações estruturais. Ao mesmo tempo, metas climáticas mais rigorosas pressionam as estatais e consórcios estrangeiros a incorporar fotovoltaico, biocombustíveis e reflorestamento aos seus planos de negócios com mais agilidade.

No México, o forte uso de gás natural importado dos Estados Unidos — que hoje supre quase dois terços da demanda interna — traz vulnerabilidade à segurança energética, dando competitividade às térmicas de ciclo combinado e à indústria, mas gerando forte dependência externa. Já no Peru, com a dificuldade em atrair investimento para blocos offshore pouco explorados, o país traça metas de eleva percentuais de renováveis não convencionais em sua matriz.

Esses exemplos mostram que o setor latino-americano de óleo e gás é variado em estrutura e economia. É fundamental para a economia da região garantir segurança energética diante da volatilidade global e os países enxergam a receita de hidrocarbonetos como peça-chave do orçamento público. Por isso, óleo e gás permanecem no topo das prioridades de investimento, como segurança energética e fiscal.

Já as empresas do setor tentam equilibrar a geração de caixa dos combustíveis fósseis com iniciativas que pavimentam o caminho para energia de menor emissão. Em cada caso, a expansão de projetos fósseis financia ou viabiliza a própria transição, cada uma personalizando o portfólio de acordo com seus recursos, infraestrutura existente e metas políticas e climáticas nacionais.

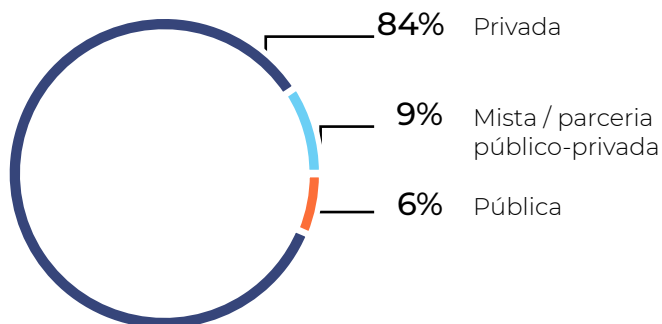


O que dizem os profissionais do setor

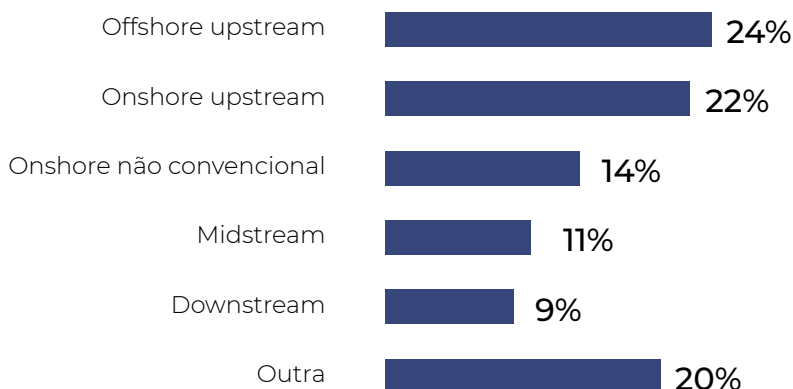
Para entender melhor o cenário de óleo e gás na América Latina, conduzimos um estudo com 312 profissionais do setor em sete países da região: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México e Peru.

A amostra pesquisada oferece uma visão abrangente do setor: reúne profissionais dos segmentos *upstream*, *midstream* e *downstream*, atuando em empresas públicas, privadas e de capital misto. Os respondentes ocupam desde cargos de liderança, como diretores, até funções técnicas e operacionais em organizações de todos os portes.

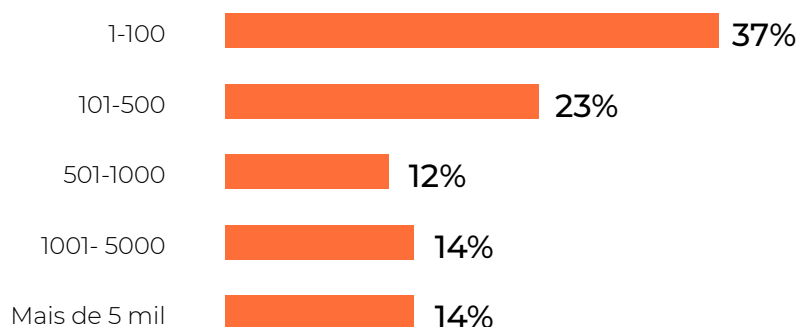
Sua empresa é pública ou privada?



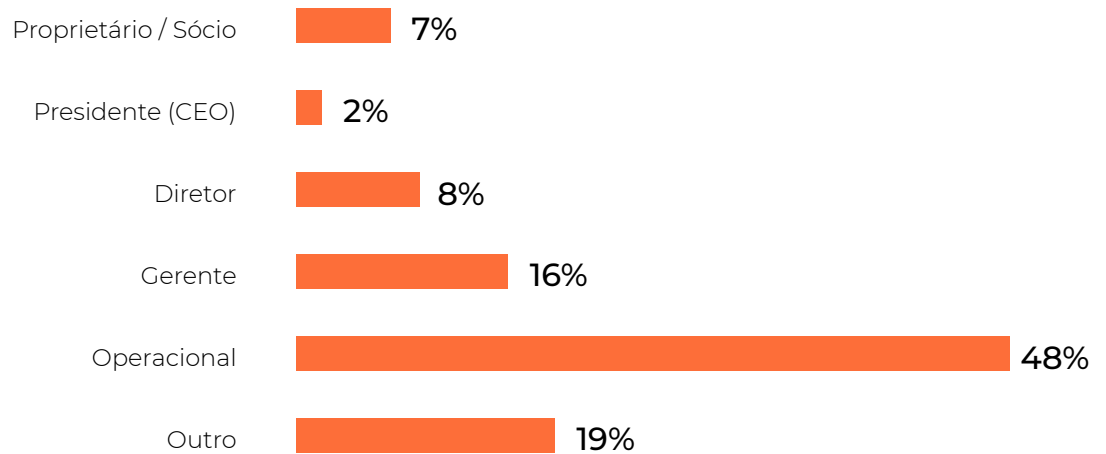
Qual tipo de operação principal da sua empresa?



Quantos funcionários sua empresa possui?

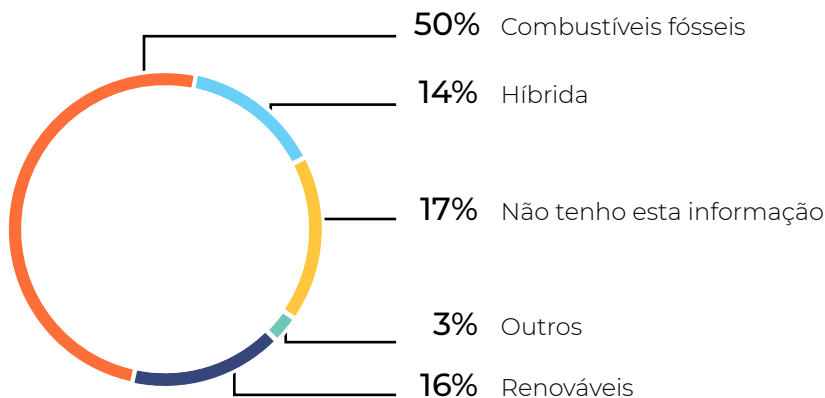


Qual seu cargo atual?

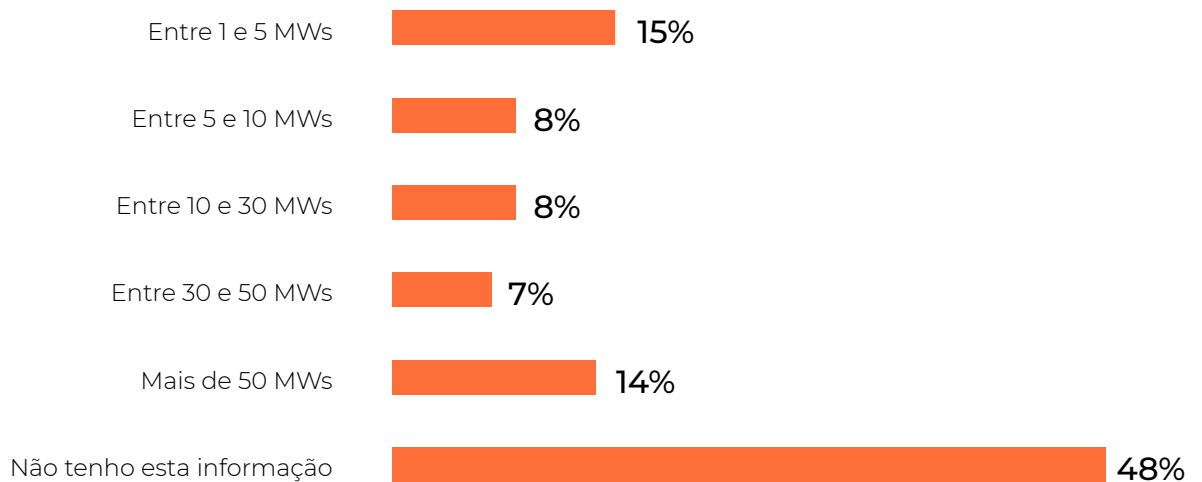


A maior parte dos profissionais das empresas entrevistadas revelou que operam com demandas que variam entre 10 e mais de 50 megawatts (MW) e que as fontes de energia utilizadas incluem combustíveis fósseis, renováveis e modelos híbridos.

Quais as principais fontes de fornecimento de energia para as atividades da sua empresa?



Qual a demanda de energia atual da sua empresa?

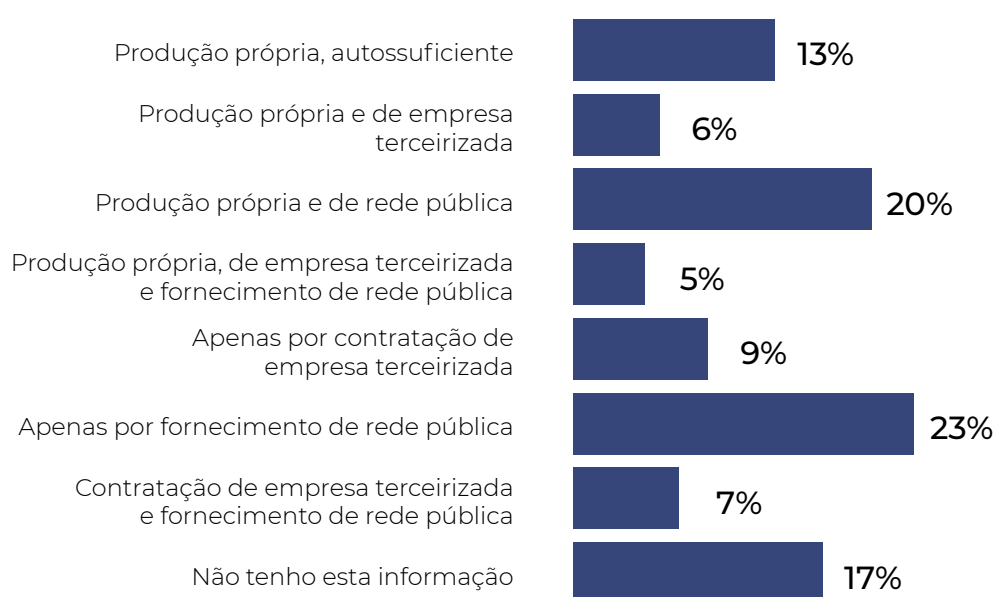


Com relação à estrutura de abastecimento, foram citados diferentes modelos: algumas empresas contam com geração própria associada a outros tipos (45%), incluindo própria autossuficiente (13%), enquanto outras recorrem a fornecedores terceirizados e à rede pública. A participação no mercado livre (ACL) vem crescendo, mas muitas empresas ainda operam exclusivamente no mercado cativo, o que aponta para um espaço significativo de modernização no modelo de aquisição de energia.

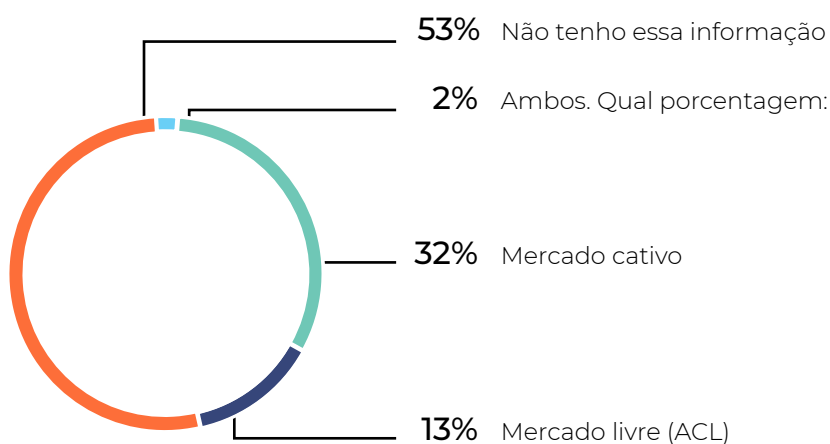
"Normalmente, no caso dos escritórios, a rede pública é a opção preferencial, dependendo das condições locais. No caso do México, também é assim — a rede pública é a principal fonte para os escritórios. No caso das operações, tanto em consumo de energia terrestre quanto marítimo, há casos em que é necessária a geração por terceiros ou fornecimento contratado, devido à falta de acesso à rede."

Germán Gomez
Diretor corporativo da Baker Hughes

Como é feito o fornecimento de energia da sua empresa?



Em relação ao fornecimento de rede pública, sua empresa está no mercado cativo, mercado livre (ACL), ou ambos? Se em ambos, poderia informar o percentual de cada um?



39% das empresas dependem exclusivamente de fornecedores externos, o que indica uma oportunidade para modelos híbridos mais resilientes.



“Em áreas não atendidas pelo sistema interconectado, a adoção de soluções com gás natural comprimido para elevar a produção própria de energia, permite às empresas uma redução de até 40% dos custos de geração, liberando capital para outras áreas do negócio e garantindo operações contínuas. Além disso, há ganhos em eficiência, diminuição da pegada de carbono e maior controle sobre o consumo de combustível”, afirma Daniel Rossi, Gerente de Setor da América Latina – O&G da Aggreko.

Na hora de escolher um serviço de fornecimento de energia, o principal critério é a ausência de interrupções apontada por 32% dos entrevistados, seguido pela segurança na

operação, mencionada por 23%. As interrupções também figuram como o principal desafio enfrentado atualmente pelas empresas em relação ao fornecimento de energia, seguidas pelas dificuldades ligadas à infraestrutura.

“Em regiões remotas, onde a infraestrutura elétrica é limitada, a continuidade das operações depende diretamente de um fornecimento de energia confiável e seguro. Ao implementar soluções que aproveitam o gás de poço para alimentar geradores, as empresas conseguem não apenas eliminar o risco de interrupções, como também reduzir custos e até triplicar sua produção”, comenta Daniel.

Ao escolher o serviço de fornecimento de energia, quais são as prioridades da sua empresa?

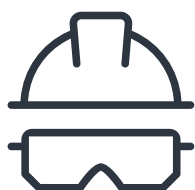


Quais os principais desafios que sua empresa enfrenta quanto ao fornecimento de energia?



1º

Não ter interrupções no fornecimento



2º

Segurança da operação



3º

Produtividade



1º

Interrupções no fornecimento



2º

Infraestrutura



3º

Custo de instalação

“Uma interrupção no fornecimento de energia não representa apenas uma pausa na operação, significa perdas financeiras, riscos à segurança e impactos na produtividade. Em campos remotos ou offshore, onde a retomada pode ser complexa, garantir um fornecimento contínuo e confiável é essencial para manter a eficiência e evitar prejuízos operacionais significativos. Por isso, planejamento e tecnologia precisam caminhar lado a lado impedindo que isso aconteça”, acrescenta.

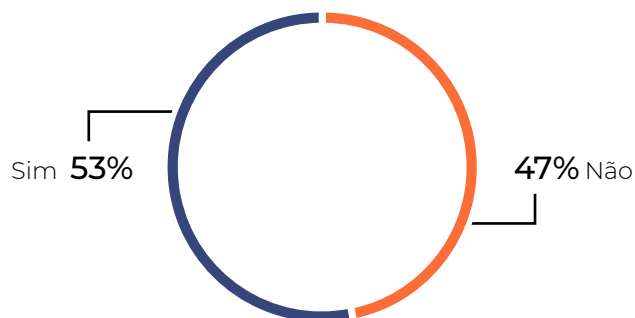


tifonimages/istock



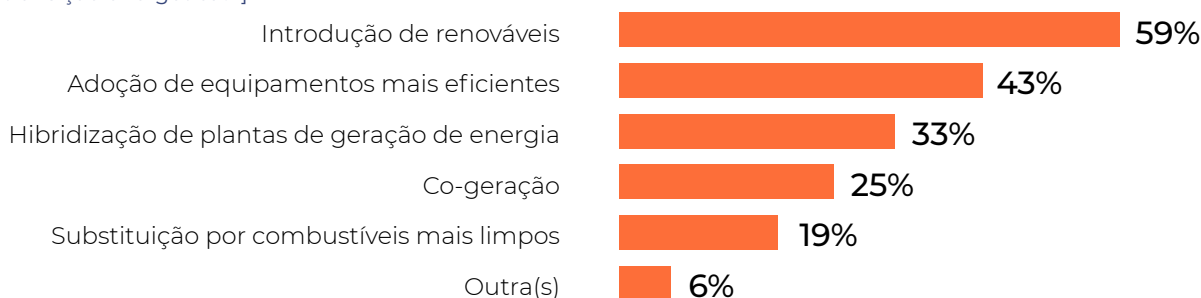
Quando o assunto é sustentabilidade, 91% acreditam que é possível tornar o setor de óleo e gás mais sustentável. No entanto, apenas 53% das empresas afirmam já ter programas voltados à transição energética. Entre essas iniciativas, destacam-se a introdução de fontes renováveis e a adoção de equipamentos mais eficientes, com 59% e 43% das respostas, respectivamente. Os principais entraves para esse processo são os altos custos, a falta de incentivos governamentais e os desafios relacionados à gestão e à logística.

Sua empresa tem alguma ação voltada para a transição energética?



Se sim, assinale quais são essas ações.

[Resposta múltipla. Respondentes: aqueles que assinalaram 'Sim' na pergunta "Sua empresa tem alguma ação voltada para a transição energética?"]



Quais são os principais desafios enfrentados nesse processo de transição?

[Resposta múltipla. Respondentes: aqueles que assinalaram 'Sim' na pergunta "Sua empresa tem alguma ação voltada para a transição energética?"]



“Diante de um contexto, onde o mundo precisa de petróleo pra manter a sociedade moderna funcionando, e isso vai ser realidade por muito tempo ainda, a gente trabalha pra extrair o máximo possível daqueles campos que já estão produzindo há muito tempo, diminuindo a necessidade de extrair ou buscar em novas regiões, que são rígidas e que não têm nenhum tipo de impacto. A gente busca ter a melhor otimização de recursos possível pra diminuir a pegada de carbono, pra diminuir o impacto ambiental. E isso vai permitir que a gente ajude na matriz energética, com o menor impacto ambiental, com o menor custo e com a melhor eficiência possível.”

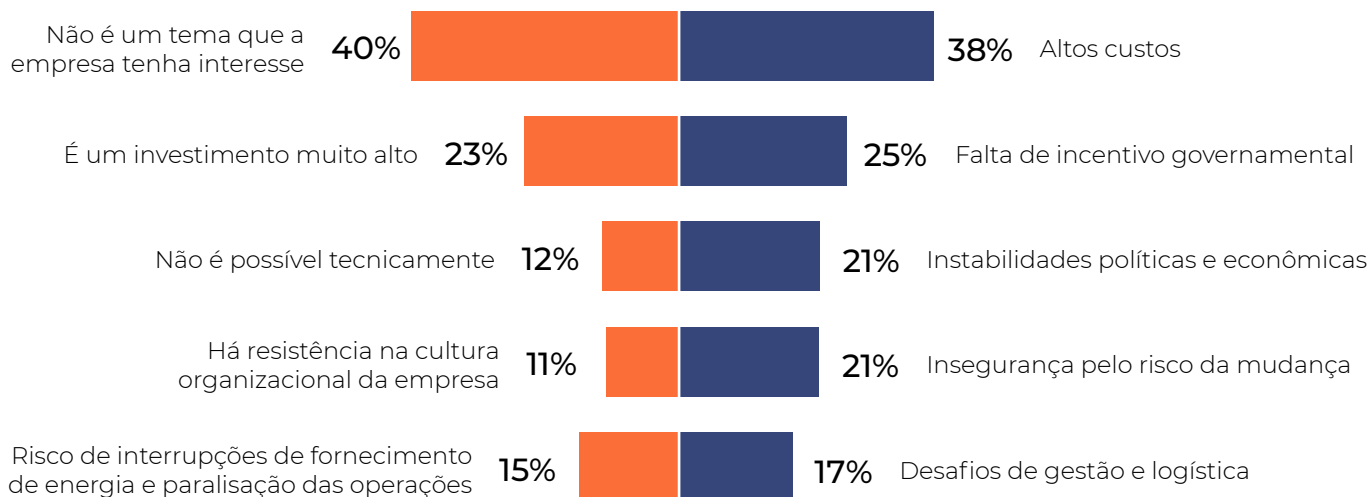
Francilmar Fernandes
Diretor de Operações na PRIO



Já entre as empresas que ainda não contam com nenhuma iniciativa na área. Os motivos mais recorrentes incluem a falta de interesse no tema por parte da própria organização, os custos elevados, a ausência de apoio governamental e as instabilidades políticas e econômicas do país.

Se não, quais os motivos internos? **X** E quais fatores externos impedem ações nessa direção?

[Resposta múltipla. Respondentes: aqueles que assinalaram 'Sim' na pergunta "Sua empresa tem alguma ação voltada para a transição energética?"]



“No setor de óleo e gás, onde operar em regiões remotas e lidar com infraestrutura limitada é parte da rotina, a transição energética se torna uma aliada estratégica. Ao adotar soluções mais limpas e eficientes, as empresas conseguem se antecipar às pressões regulatórias e de mercado, contribuindo também para o meio ambiente. Não por acaso, 85% dos profissionais do setor já enxergam as práticas sustentáveis como um fator direto de eficiência nas operações, é um movimento que une performance, meio ambiente e preparo para o futuro”, disse Daniel Rossi.

“Em geral, o setor tem se saído muito bem e continuamos operando e continuamos com bons indicadores financeiros em geral para toda a indústria, com bons dados de produção, o petróleo é definitivamente um progresso.”

Ricardo Maya
Gerente de Eficiência Energética na Frontera Energy



Apesar dos desafios, os entrevistados demonstram otimismo em relação ao futuro do setor. Para 68%, o mercado de óleo e gás continuará forte nos próximos anos, sem grandes dificuldades. Além disso, 24% acreditam que o setor crescerá até 5% nos próximos cinco anos, enquanto 21% preveem um crescimento acima desse percentual.

Qual é a tendência de crescimento esperado para o setor nos próximos 5 anos?



Quando o foco se volta para as suas próprias empresas, 21% esperam um crescimento superior a 5% no mesmo período. As prioridades para os próximos anos incluem o aumento da produção e a redução de custos. Em relação aos investimentos em CAPEX, 12% das empresas pretendem aplicar até 2% da receita, enquanto 13% planejam investir de 3% a 5%. Dos entrevistados, 78% afirmaram que a empresa investe em pesquisa e desenvolvimento para estar sempre à frente no mercado.

“Estamos trabalhando no desafio de ver quais tecnologias podemos implementar para reduzir o consumo e reduzir as emissões de CO₂.”

Ricardo Maya

Gerente de Eficiência Energética na Frontera Energy

“Especialmente no gás natural, vemos uma grande expansão e crescimento no mundo todo, essencial para a vida de nossas comunidades.”

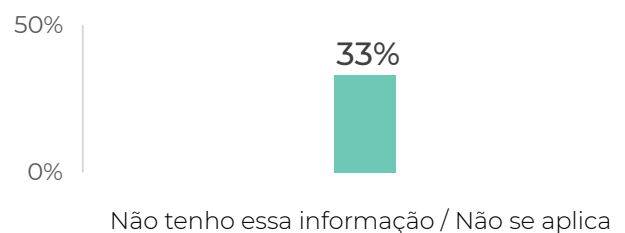
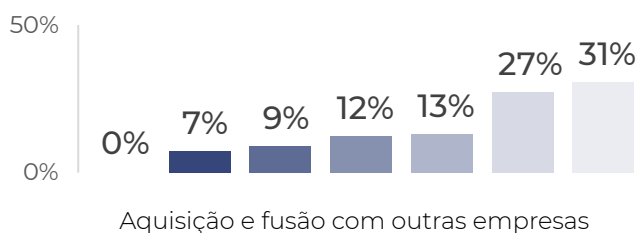
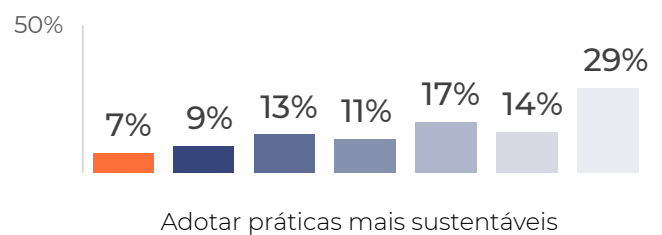
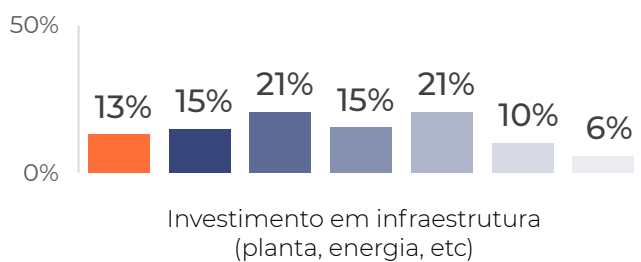
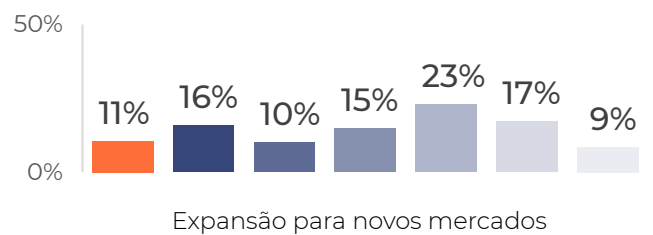
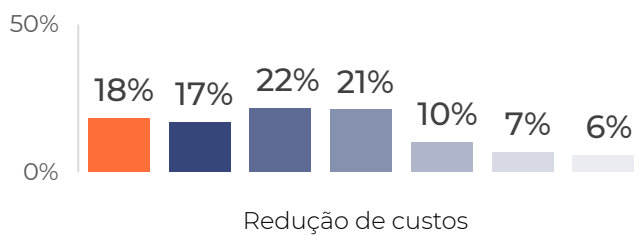
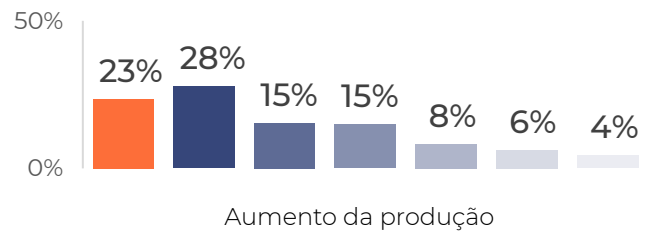
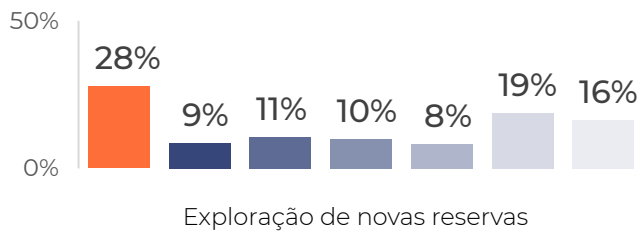
Germán Gomez

Diretor corporativo da Baker Hughes

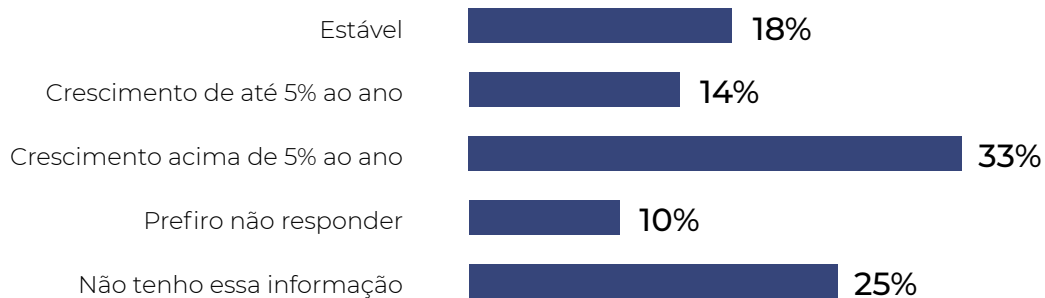


Ordene as opções abaixo, conforme prioridade da sua empresa para os próximos 5 anos.

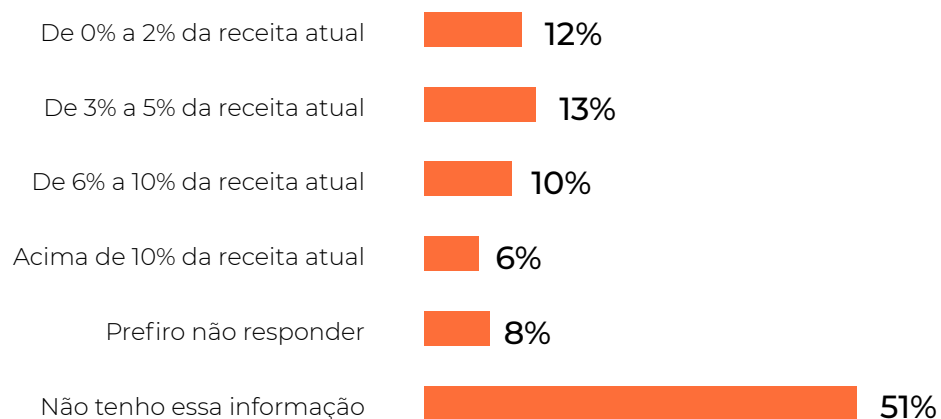
1 [máxima prioridade] 2 3 4 5 6 7



Qual é a expectativa de crescimento esperada para a sua empresa para os próximos 5 anos?



Quanto sua empresa pretende investir em CAPEX nos próximos 5 anos?



Em seguida, analisaremos como Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México e Peru, apesar de compartilharem algumas características e metas similares, adotam estratégias distintas, moldadas por condições geológicas, políticas, econômicas e sociais próprias.



luismmolina/stock



Protagonismo do gás natural



Foto:4440/iStock

A Argentina, hoje a [maior produtora](#) de gás natural da América do Sul, depende fortemente do setor de óleo e gás para manter um bom funcionamento de sua economia. Termelétricas a gás garantem estabilidade ao Sistema Interconectado Nacional, e as refinarias seguem sendo peças-chave para abastecer o mercado interno. Em 2024, óleo e gás responderam por [84% da matriz energética](#), enquanto fontes renováveis chegaram a 14%, com [novos parques solares e eólicos](#). Com objetivo de duplicar a capacidade de escoamento de gás, o governo argentino [aposta no Gasoducto Presidente Néstor Kirchner](#).

Desde 2017, a produção de gás na Argentina [cresceu](#) mais que a de petróleo, impulsionada por incentivos do [Plano Gás](#) e alta demanda interna por aquecimento residencial e geração elétrica. A produção não convencional de petróleo [enfrentou limites de logística](#), com menos oleodutos e terminais no Atlântico do que necessário, dificultando escoar volumes adicionais até refinarias ou navios. Em contraste, o gás dispõe do Gasoduto Presidente Néstor Kirchner e de extensões planejadas. Com preços

garantidos, mercado assegurado e dutos prontos, o gás ficou financeiramente mais atraente do que o óleo.

Apesar disso, em 2025, a Argentina atingiu um novo recorde de produção de petróleo, impulsionado [principalmente](#) por Vaca Muerta, que se consolidou como a principal região de extração não convencional, refletindo a prioridade que operadoras e governo deram à extração não convencional depois de 2017.



Cenário regulatório em mudança

A chegada de Javier Milei à Casa Rosada movimentou diversos setores da economia. O [Decreto 70/2023](#), ou “megadecreto”, reuniu mais de trezentos artigos que revogam ou alteram mais de 300 leis e regulamentos com o objetivo de desregular a economia, atrair investimento privado e conter a inflação.

No campo de óleo e gás, o decreto removeu limites à remessa de lucros e o teto de preço para produtores, além de simplificar a obtenção e a prorrogação de concessões, permitindo que as operadoras negociem livremente seus volumes no mercado interno e externo desde que garantam o abastecimento local. Inicialmente, era prevista a privatização da estatal YPF, mas, [após derrota no Senado](#), a petrolífera [está excluída](#) das empresas passíveis de privatização.

Essas mudanças foram recebidas pelas empresas como um sinal de previsibilidade regulatória, estimulando planos de perfuração em Vaca Muerta e projetos de liquefação de gás para exportação. Com o mercado mais livre, a YPF permanece líder, mas divide terreno com Vista Energy, Pan American Energy, Tecpetrol e outras independentes que operam campos de petróleo leve e *tight gas*. A ExxonMobil [vendeu cinco blocos em Vaca Muerta](#) à Pluspetrol e à própria YPF em 2024, sinalizando espaço maior para players locais. [A brasileira Petrobras voltou a estudar projetos na província de Neuquén](#), após declarações oficiais de interesse em investir no xisto argentino.



Foto:4440/Stock

Tendências e próximos passos

No fim de 2024, YPF e Shell firmaram acordo para instalar a primeira planta de liquefação de gás natural do país. O projeto Argentina LNG, que utiliza um novo duto dedicado, [prevê embarques para Ásia e Europa a partir de 2027](#). A etapa 2 do Gasoduto Presidente Néstor Kirchner já está licitada e [dobrará a capacidade de escoamento](#). Mais recentemente, a YPF também [assinou pré-acordo](#) com a italiana Eni para exportar LNG ao mercado europeu. Para sustentar essa expansão, [a Vista Energy anunciou](#) investimento de 1,1 bilhão de dólares em 2025.

A produção argentina vive um ciclo de alta, e a tendência é manter o ritmo graças a grandes investimentos privados. [Discute-se no Congresso](#) um marco para hidrogênio de baixa emissão, diversificando a matriz sem renunciar à renda do xisto. A prioridade é transformar excedentes de gás em divisas.



Matriz energética brasileira

O Brasil é um ótimo exemplo da combinação de fontes de energia que atendem bem os desafios de uma nação continental. O país conta com hidrelétricas, [parques eólicos](#) e [fazendas solares](#) e [quase metade](#) de toda a energia consumida já vem de fontes renováveis. Há expectativa para chegar ao fim da década como protagonista na geração de energia sustentável.



Por outro lado, o Brasil ocupa a [9ª posição no ranking global de produtores](#) de petróleo e é o líder disparado da América Latina. Com o pré-sal amadurecido, [a produção bateu](#) recordes na extração de barris de petróleo e de metros cúbicos de gás natural. Mesmo com uma matriz elétrica dominada por fontes renováveis, o país [depende fortemente do óleo e do gás para manter a economia girando](#): juntos, geram cerca de 10% do PIB industrial e sustentam 12,5% das exportações nacionais, além de garantirem segurança de abastecimento.

Apesar do domínio do *offshore*, a produção em terra voltou a crescer, mostrando [o potencial de campos maduros](#) quando recebem investimentos focados. A Refinaria de Mataripe prevê receber aportes de [fundos árabes em 2025](#) e aumentar a produção de óleo diesel, reduzindo a necessidade de importações.

“Trabalhar no ativo de campos já maduros, com certa idade no offshore, tem alguns desafios. Cada dia produz menos, tem menos gás disponível para geração de energia, tendo que complementar esse gás com o diesel, geração própria ou de terceiros, que acaba pressionando os custos e tornando mais complicado.”

Francilmar Fernandes
Diretor de Operações na PRIO

O estado do Rio de Janeiro, onde desemboca grande parte óleo e gás do pré-sal, respondeu por [74% de toda a produção](#) em 2024. Mesmo com essa concentração, a indústria também olha com atenção as bacias da região Norte e Nordeste do País como alternativa, o que pode espalhar investimento e receita por todo o território.





Transição energética: metas, leis e dilemas

O governo brasileiro estabeleceu a meta de neutralizar emissões até 2050 e vem criando ferramentas para isso. São exemplos, a [Lei 14.993/2024](#), que incentiva “combustíveis do futuro” como biometano e diesel verde, e a [Lei 15.075/2024](#), que permite a transferência de excedentes de conteúdo local, facilitando a injeção de capital em projetos que modernizem a cadeia de óleo e gás. Mesmo assim, de acordo com [especialistas](#), para alcançar as metas de descarbonização seria necessário dobrar os investimentos atuais.

Trata-se de um assunto importante porque o Brasil tem potencial para [liderar o processo de transição energética](#), principalmente com uma matriz energética que garante segurança e abastecimento nacional e internacional. A discussão não é apenas tecnológica, mas também fiscal. [Com o país sediando a COP30](#), críticos veem contradição entre ampliar a produção e liderar o discurso climático, enquanto o governo argumenta que é a receita do petróleo que financiará a mudança de matriz. Em 2025, o Brasil decidiu entrar no [Fórum da Opep+](#), aproximando-se dos grandes exportadores para ter mais voz sobre preços e logística global.

Tendências e próximos passos

Projetos de hidrogênio verde, biocombustíveis e captura de carbono avançam, enquanto operadoras equilibram alta produtividade com metas climáticas e novas regras regulatórias. Com a [política de conteúdo local mais rígida](#), a eficiência operacional se torna ainda mais crucial.

A Petrobras já injeta [recordes de CO₂ no pré-sal](#), sinal de que a redução de pegada climática virou KPI estratégico. Além disso, a empresa planeja colocar em produção 14 novas plataformas entre 2024 e 2028, o que deve [manter o pré-sal como motor de receitas fiscais e empregos](#). Enquanto a empresa busca licenças para perfurar os primeiros poços na Margem Equatorial, faixa que vai do Amapá ao Rio Grande do Norte, [técnicos do Ibama](#) e organizações ambientais argumentam que não há estudos suficientes sobre riscos à biodiversidade.

“Só vão sobreviver os eficientes. Então, todo aquele campo, toda aquela empresa que produz com um custo de produção muito alto, com uma pegada de carbono muito alta, com práticas ambientais e sociais, também, que não são tão interessantes, essas empresas vão ficar pelo caminho.”

Francilmar Fernandes
Diretor de Operações na PRIO

O setor brasileiro de óleo e gás exibe hoje um retrato de grande escala offshore combinado com nichos em terra e infraestrutura em expansão, e garante a base financeira e tecnológica para avançar na transição energética sem comprometer a segurança do abastecimento nacional.



Importações de energia



ampueroleonardo/Stock

O setor de óleo e gás chileno é modesto em produção própria, mas estratégico para a segurança energética, produzindo quantidades pequenas de óleo e gás. O [Estado](#) é o proprietário das jazidas e principal operador, e empresas privadas podem operar a partir de concessões. Toda a extração nacional vem da região de [Magalhães](#) desde 1945, mas cobrindo apenas parte da demanda nacional. Hoje o gás natural supera o petróleo na matriz energética e tem seu principal uso em termelétricas de ciclo combinado.

[Em 2024](#), 43% da oferta primária chilena advinha de óleo e gás, enquanto a biomassa correspondia a 26%. De toda a matriz energética chilena, mais da metade vem de importação. A dependência de combustíveis importados faz o Chile manter [acordos de dutos com a Argentina](#) para garantir suprimento confiável de gás, ao mesmo tempo em que continua comprando derivados de petróleo para suas refinarias. O país segue dependente de importados para transporte e indústria, embora conte com pequenas operações domésticas.

[No setor elétrico, o cenário é bem diferente](#), e as energias renováveis [seguem escalando no país](#). A expansão solar no deserto do Atacama e os parques eólicos na costa sul permitiram que, em vários momentos de 2024, mais de 90% da eletricidade gerada viesse de fontes renováveis. As principais [fontes de energia](#) do país ainda são os combustíveis fósseis, porém Chile, junto com o Brasil, [lideram a transição](#) energética na América do Sul.



tifonimages/Stock

Mesmo com o avanço das renováveis na eletricidade, óleo e gás seguem essenciais para garantir segurança energética e suprir setores como transporte pesado e processos industriais.



Transição energética: metas, leis e dilemas

O setor de óleo e gás atua como ponte prática para a transição energética. O “Plano Energia 2050” e a “[Estratégia Nacional de Hidrogênio Verde](#)” traçam a rota [para zerar emissões até 2050](#), prevendo 80% de eletricidade renovável em 2030. Para atingir esses números, o governo chileno acelerou o cronograma de fechamento das termelétricas a carvão e abriu licitações específicas para linhas de transmissão que escoam a energia solar do Norte aos centros de consumo do Centro-Sul do país.

As empresas estatais também dão sinais claros de mudança. A estatal ENAP, que importa e processa quase todo o petróleo consumido no país, está [convertendo parte de suas refinarias](#) e do seu porto em Magalhães. A ENAP produziu em 2024 [seu primeiro lote de diesel renovável a partir de óleo de cozinha](#) usado e iniciou a construção de uma planta-piloto de hidrogênio verde em Magalhães.

A região mais austral do país, conhecida pelo vento forte, foi escolhida para virar [hub de hidrogênio](#) porque já concentra campos de gás e infraestrutura portuária.

Os terminais de GNL de Quintero e Mejillones começam a abrigar [projetos de eletrolisadores](#) que aproveitarão a infraestrutura já existente de tanques, píer e rede elétrica para gerar [hidrogênio de fonte renovável](#) e atender indústrias locais. Dessa forma, a cadeia fóssil não só oferece a flexibilidade necessária ao sistema elétrico como também recicla ativos e competências para acelerar a meta chilena de se tornar exportador de combustíveis verdes antes de 2030.

O governo chileno prioriza três frentes até 2030: reforçar as duas linhas de transmissão “Norte-Sur” para evitar desperdício de energia solar, instalar armazenamento em baterias de grande porte e negociar contratos de gás com a Argentina para cobrir a demanda sazonal. A [ENAP também projeta](#) uma nova unidade de diesel renovável em Bío-Bío até 2027, reforçando a transição da empresa e preparando terreno para que o Chile atinja suas metas climáticas sem comprometer a segurança energética.

Carlos Martel Werner/Stock



Uso da energia: como o país se abastece

Na América Latina, a Colômbia está entre os seis países com maior potencial no setor de óleo e gás. [Diversas empresas internacionais](#) atuam no mercado colombiano, em parcerias com empresas estabelecidas localmente, como a estatal Ecopetrol. Em 2023, [analistas econômicos](#) atribuíram parte do crescimento econômico do país ao aumento da atividade petrolífera, lideradas principalmente pelas três maiores empresas, Ecopetrol, Reficar, Cenit.

Os balanços mais recentes da “[Unidade de Planeación Minero-Energética](#)” indicam que 77% da oferta primária de energia colombiana ainda depende de combustíveis fósseis. O gás tem peso especial no consumo doméstico, e na geração térmica usada para dar respaldo ao sistema elétrico em períodos de seca. Outro ponto de destaque é o papel da biomassa, que segue importante nas regiões andinas e amazônicas para cocção e aquecimento.

Em [2024](#), a Petrobrás encontrou a maior reserva de gás na Colômbia, localizada na margem equatorial colombiana e está sendo explorada em consórcio entre as estatais dos dois países, e tem capacidade equivalente a quase metade da produção diária de gás da Petrobrás no Brasil.

Transição energética: metas, leis e dilemas

O governo do Presidente Gustavo Petro incluiu no Plano Nacional de Desenvolvimento 2022-2026 (transformado na [Lei 2294 de 2023](#)) a meta de alcançar a neutralidade de carbono para 2050. O texto prevê que metade da capacidade nova de geração até o fim da década venha de renováveis e cria créditos fiscais para projetos em comunidades energéticas, priorizando regiões de baixa renda.

Embora seja um dos principais produtores da América Latina, o setor tem gerado [embates públicos](#) sobre decisões e medidas ambientais. O atual presidente tem como um dos objetivos do seu governo criar políticas ambientais para realizar a transição energética no país, tendo [assinado](#) o Tratado de Não Proliferação de Combustíveis Fósseis.

Apesar de boa parte dos planos ainda não terem sido concretizados, o governo já propôs ao parlamento mudanças de legislação e desperta as maiores controvérsias ao defender o fim da exploração de óleo através da técnica de [fracking](#). O governo colombiano também se posiciona contrário à exploração de petróleo na Amazônia, conforme [entrevista](#) da Ministra do Meio Ambiente da Colômbia, que tem boa parte do seu território composto pela floresta.

“No final das contas, isso é um negócio, então a transição não pode ser apenas uma questão de custos, mas temos que torná-la viável e que também haja um retorno sobre o investimento que fazemos na implementação desses tipos de tecnologias.”

Ricardo Maya
Gerente de Eficiência Energética na
Frontera Energy



Na prática os avanços são graduais. Gargalos no licenciamento ambiental atrasam novos parques eólicos e a conexão de projetos solares esbarra em limites da malha de transmissão. Apesar disso, a Ecopetrol iniciou um programa de hidrogênio verde na refinaria de Cartagena e o governo lançou um roteiro para uma Transição Energética Justa que detalha investimentos em comunidades energéticas e redes inteligentes.

Tendências e próximos passos

O principal desafio é manter o nível de produção sem travar a transição. A Associação Colombiana de Petróleo e Gás (ACP) projeta que os investimentos em exploração e produção subirão 8% em 2025, com parte dos investimentos destinados à busca de novas

reservas. Mesmo com o esforço, a ACP adverte sobre a queda na produção de gás e pede celeridade em licenças e segurança jurídica para sustentar a autossuficiência energética.

Ao mesmo tempo, a Ecopetrol reservou até US\$ 2,5 bilhões para projetos de hidrogênio de baixo carbono e mira os primeiros leilões de eólica offshore que o governo pretende lançar em 2025. A companhia também avalia vender seus ativos de fracking no Texas para concentrar recursos em energias limpas e exploração convencional doméstica.

Se conseguir destravar os parques eólicos da Guajira, reforçar as linhas de transmissão e avançar no hidrogênio, a Colômbia espera equilibrar receita de hidrocarbonetos com novos vetores de energia, usando o petróleo como colchão financeiro para uma transição que ainda caminha a passos moderados.

Carlos Martel Werner/iStock



Uso da energia: como o país se abastece

O [Balance Energético Nacional de 2023](#) mostra que o Equador manteve uma matriz dominada por hidrocarbonetos, com 85,9% da produção de energia primária correspondendo ao petróleo, 4,1% à produção de gás natural e 9,6% à produção de energia renovável (hidrelétrica, lenha, produtos da cana-de-açúcar, energia eólica, fotovoltaica e biogás).

Este mesmo relatório ressalta que o sistema elétrico é amplamente hídrico, mas o consumo final, sobretudo dos setores de transporte e indústria, continua dependente de combustíveis fósseis. O setor da energia, para além do óleo e gás, vem sofrendo [problemas de geração e abastecimento](#). Em 2024, por conta de períodos de estiagem, a principal fonte de geração de energia do país foi afetada, o que gerou racionamentos e apagões.

A oferta de gás natural tem reduzido nos últimos anos, mesmo com boa parte da produção de gás natural vindo do Campo Amistad, no Golfo de Guayaquil, e de gás associado sendo extraído junto ao petróleo. Petróleo esse cuja dependência de exportações atingiu 113,6 milhões de barris. Mas a estimativa do mercado *downstream* têm aumentado nos últimos anos e o país possui atividade de refino [com destaque](#).

Transição energética: metas, leis e dilemas

Um dos desafios do mercado é a [instabilidade política](#) no país, que recentemente elegeu o Presidente Daniel Noboa. O novo presidente, [apresentou um novo plano](#) para o mercado de hidrocarbonetos e [espera um aumento](#) no investimento internacional para os próximos anos. O oleoduto SOTE (Esmeraldas) e o OCP (Pascuales) continuam escoando o grosso do petróleo até terminais no Pacífico, mas ficaram

três vezes fora de operação em 2023 por deslizamentos nas montanhas, [atrasando exportações e elevando custos logísticos](#).

O Equador estabeleceu o compromisso de reduzir 20% das emissões setoriais até 2030 e publicou, em 2023, o [Plano de Transição Energética para Galápagos](#), piloto que combina renováveis, armazenamento e gestão de demanda para replicar no continente.

O maior dilema surgiu no referendo de agosto de 2023, quando 58% dos eleitores aprovaram [manter o petróleo do Bloco 43/ITT sob o subsolo](#) do Parque Yasuní. O Conselho Nacional Eleitoral oficializou o resultado em junho de 2024, determinando que a produção fosse encerrada com custeio da desmontagem pelo orçamento público. Essa decisão pressiona as finanças estatais e obriga o governo a acelerar fontes alternativas.



JainoVerdonk/iStock

O Ministério de Energia projeta atrair investimentos altos para elevar o fator de recuperação em campos maduros, conceder novos blocos terrestres e *offshore* e concluir a licitação de serviços no Campo Amistad, aumentando a produção de gás para respaldar a geração termoelétrica e a indústria.

O governo também aposta na implementação plena do Plano Diretor de Eletricidade, que prioriza projetos solares, eólicos e de armazenamento, buscando reduzir a dependência de combustíveis fósseis e mitigar riscos hidrológicos. Iniciativas como o Roteiro do Hidrogênio Verde, publicada pelo Ministério de Energia e Minas, apontam para a criação de um marco regulatório estável que atraia financiamento internacional e ajude o país a cumprir as novas metas climáticas

Se essas frentes avançarem no cronograma previsto, o Equador poderá compensar a perda de produção no ITT, diversificar sua matriz energética e fortalecer a segurança de abastecimento nos próximos anos.

Além disso, o Decreto Executivo nº 32, assinado pelo presidente equatoriano Daniel Noboa, estabelece medidas para enfrentar a crise energética no país. A nova norma determina que grandes empresas conectadas às redes de alta tensão deverão implementar sistemas próprios de geração de energia no prazo de 18 meses. Além disso, o decreto modifica o regulamento da Lei de Serviço Público de Energia Elétrica e autoriza a importação de gás natural para fins de geração elétrica.

alblec/istock



Uso da energia: como o país se abastece

O México é um dos principais [produtores](#) de petróleo da América Latina e, em 2018, realizou uma [Reforma Energética](#), trazendo novas perspectivas para o mercado. A Pemex é a estatal que opera as principais atividades, [reguladas](#) pelo governo nos níveis federal, estadual e municipal. O “[Balance Nacional de Energía 2023](#)” da Secretaria de Energia mostra que o país depende de hidrocarbonetos para mais da metade de sua oferta energética, mas o peso exato tem caído. O petróleo cru e seus derivados contribuíram com cerca de 46% da oferta primária, enquanto o gás natural respondeu por algo em torno de 38%.

Nos últimos 30 anos, [as importações mexicanas de gás natural cresceram 3.800%](#). Esse salto reflete dois fatores principais: a maior demanda criada pelas políticas de gaseificação do setor elétrico, que aprofundaram a dependência do México do gás de xisto, abundante nos EUA, e a queda geológica da produção doméstica, cujo pico ocorreu em 2009. Como resultado, as compras externas hoje cobrem cerca de 72% de todo o gás consumido no país, proporção que chega a 96% se descontado o volume utilizado internamente pela própria Pemex.

Após o declínio da produção de algumas de suas principais bacias, o mercado offshore vem tendo demandas crescentes. No entanto, [analistas](#) mostram que o setor precisa se preparar para a transição energética e novas concorrências, como a chegada dos carros elétricos.

As fontes renováveis ficaram ligeiramente acima de 15%, reflexo de um portfólio que avança devagar nas renováveis, mas segue embasado no óleo e no gás. Outro componente decisivo é o gás importado: a “Subdirección Comercial de CFE Internacional” registrou, em 2024, [compras médias de gás dos EUA](#) via dutos em volume que garante preços competitivos na fronteira e alivia o despacho hídrico em períodos secos.



Transição energética: metas, leis e dilemas

A política climática mexicana combina nacionalismo energético com novas frentes verdes. [Relatório enviado](#) à Comissão de Valores Mobiliários dos EUA em maio de 2025 indica produção como declínio de campos maduros e atrasos em poços novos. No setor elétrico, o Programa de Desenvolvimento do Sistema Elétrico Nacional revela que a [participação de fontes “limpas”](#) subiu, puxada pela expansão solar em Sonora e eólica no Istmo de Tehuantepec.

O plano da Pemex para 2025-2027 inclui dar escala aos campos *shallow-water* Quesqui e Ixachi, concluir as Plataformas tipo “boca de poço” da região Ku-Maloob-Zaap e iniciar a perfuração de seis prospectos exploratórios na costa de Campeche. Esses projetos, segundo a própria estatal, exigirão US\$ 17 bilhões

“Para nós, a realidade hoje é que existe um dilema energético em que a segurança energética é essencial. O petróleo e o gás continuarão sendo parte do setor de hidrocarbonetos em um processo de continuidade na gestão e estrutura, mas com grande crescimento das novas energias, especialmente pelo impacto das mudanças climáticas.

Por isso, quando falamos em dilema, entendemos que é necessário continuar fornecendo energia para que os países melhorem a qualidade de vida por meio da segurança energética — que seja sustentável em relação às mudanças climáticas e que gerencie estruturas de descarbonização — mas também que tenha eficiência econômica.

Por isso, os três eixos são fundamentais: soberania energética, mudança climática e eficiência econômica, para que o equilíbrio entre os três seja possível.”

Germán Gomez

Diretor corporativo da Baker Hughes

anuais, valor que pressiona as finanças da empresa já endividada.

No lado renovável, o governo federal mantém o compromisso de 43% de eletricidade limpa em 2030, mas concentra as grandes apostas em dois eixos: o “[Plan Sonora de Energías Sostenibles](#)”, que agrega energia solar e produção de hidrogênio verde no deserto de Sonora, e o pacote de modernização de 13 hidrelétricas. Além disso, a licitação para construir o [parque fotovoltaico Puerto Peñasco](#) deve sair ainda em 2025, enquanto a CFE projeta linhas ligando Sonora ao Bajío. A Agência de Hidrogênio pretende aprovar três *hubs* piloto no Golfo e no Pacífico para exportar amônia verde a partir de 2028.

O sucesso dessas iniciativas dependerá da clareza regulatória e da capacidade de atrair capital estrangeiro, algo que continua desafiado pela política de conteúdo nacional e pelo controle estatal sobre a rede de transmissão.



alonsoleon9/istock



Uso da energia: como o país se abastece

A [matriz energética](#) peruana passou por uma grande transformação nos últimos vinte anos e hoje é mais diversificada, deixando de depender exclusivamente dos hidrocarbonetos e avançando no uso de fontes mais limpas. Dados do segundo semestre de 2024 mostram que o gás natural representa cerca de 40% da oferta interna e as fontes renováveis (solar, eólica e bagaço) representam cerca de 9% da produção. No setor elétrico, as usinas hídricas somaram quase 50% da geração em 2024, beneficiadas pela geografia andina.

Essa combinação reforça o caráter híbrido da matriz peruana: hidroeletricidade como base, gás como seguro de abastecimento e renováveis em rápida expansão. O cenário tende a manter o [gás natural como peça-chave nos próximos anos](#), sobretudo para mineração, setor que responde por cerca de um terço do consumo elétrico do país.

A produção nacional de petróleo subiu, concentrada nos lotes *onshore* da selva norte (Loreto) e na costa de Talara. Mesmo com a alta, o volume cobre apenas um quarto do consumo interno, exigindo importações contínuas de óleo leve para a nova refinaria de Talara. Apesar dos desafios no fornecimento, a capacidade do mercado tende a se expandir com a modernização.

A Petroperú é peça central na cadeia de óleo e gás peruana. A estatal opera o [Oleoduto Norperuano](#), ligando os campos amazônicos à costa, além de terminais fluviais que levam combustíveis a regiões onde operadores privados não atuam e opera a Refinaria Talara. Inaugurada em 2023, a [Nova Refinaria Talara](#) é o pilar do plano de reduzir importações de derivados de alto valor agregado. O complexo conta com unidades de craqueamento catalítico e tratamento de enxofre capazes de produzir diesel de baixo teor, alinhado às exigências ambientais da costa do Pacífico.

No gás, Camisea segue como ativo estratégico: o bloco tem alto volume de produção e abastece termelétricas, indústrias e o único terminal de LNG de exportação da costa sul. O [projeto Camisea](#) foi decisivo para o crescimento da infraestrutura de processamento e transporte de gás natural pelo país, atendendo rapidamente à crescente demanda em diferentes setores. Atualmente Camisea produz cerca de [96% do gás natural do país e abastece 70 % do mercado local de GLP](#), essencial para uma transição energética organizada, com menor consumo e baixas emissões, e constitui o mais importante projeto energético do país.



Christian Vincés/Stock

Transição energética: metas, leis e dilemas

Atualmente, o governo tem [legislações](#) que regulam a atividade estatal e as parcerias com empresas privadas. O [mercado](#) de óleo e gás no Peru deve crescer, impulsionado pelo aumento da produção e investimentos em infraestrutura de refinarias.

O governo fixou duas metas claras: elevar a participação de energias renováveis não convencionais [para 20% da geração](#) e [diminuir em 40%](#) a emissão de gases de efeito estufa até 2030. Para acelerar essa virada, o Congresso aprovou em 2025 a [Lei de Fomento ao Hidrogênio Verde](#), que cria incentivos fiscais, agiliza licenças e reserva capacidade de transmissão para eletrolisadores em regiões com alto potencial solar e eólico, como Ica e Piura.

Apesar das metas ambiciosas, existem dilemas. Embora a [carbono-neutralidade](#) seja viável, ela requer triplicar investimentos anuais em geração renovável e quadruplicar a capacidade de transmissão até 2035, o que pressiona o orçamento público e exige mais participação do setor privado em meio a debates sobre regulação e tarifas.

As reservas de gás do país oferecem oportunidades para otimizar o uso das refinarias, enquanto o crescimento do consumo e novos investimentos devem impulsionar ainda mais o setor. Porém, em 2024, a estatal Petroperú [divulgou](#) que fechou o ano em prejuízo. Outro desafio do setor foi o recente [derramamento de óleo](#) na Amazônia peruana, fazendo o país decretar emergência ambiental.

Acontecimentos como este têm gerado [discussões internas](#) sobre a importância do país promover a transição energética. Olhando adiante, o governo [avalia abrir o capital da Petroperú](#) a investidores privados em 2025, buscando capitalizar a refinaria e reduzir a dependência de financiamento público.

O [Banco Mundial acrescenta](#) que, graças a atual infraestrutura, o Peru conta com um dos gases mais competitivos da América do Sul, elemento fundamental para sustentar a flexibilidade do sistema elétrico enquanto o país amplia a participação de renováveis. Assim, Camisea continua a ser o pilar energético e fiscal do Peru, garantindo oferta firme, preço estável e espaço para a transição de longo prazo.

Rommel Gonzalez/istock



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados neste relatório mostram que o setor de óleo e gás na América Latina não é apenas essencial para a estabilidade econômica e energética da região, mas também é um protagonista na jornada de transição para uma matriz mais sustentável. A pesquisa realizada com profissionais da indústria reforça esse diagnóstico ao revelar um cenário em que, embora a maioria das empresas reconheça a necessidade de reduzir impactos ambientais, o ritmo das transformações ainda é limitado por barreiras estruturais, econômicas e operacionais.

Os movimentos de transição energética observados nos países pesquisados, embora positivos, ainda convivem com desafios concretos como interrupções no fornecimento de energia, um problema crítico, especialmente em operações remotas, offshore ou em áreas com baixa cobertura de infraestrutura, riscos de racionamento e gargalos logísticos, ou da dependência de importações. A demanda por soluções energéticas confiáveis, flexíveis e que possam ser adaptadas rapidamente às condições locais se impõe como uma necessidade real e urgente.

“A capacidade de garantir energia constitui o elo decisivo entre a eficiência operacional e a transição de baixo carbono no setor de óleo & gás: ao firmar parcerias com geradoras especializadas, adotar energia híbrida e incorporar renováveis apoiadas por armazenamento, as companhias blindam ativos críticos contra paradas imprevistas, reduzem custos de combustível e, simultaneamente, ganham tração rumo a metas climáticas mais ambiciosas, fortalecendo sua competitividade num mercado global cada vez mais exigente.”

Daniel Rossi
Gerente de Setor da América Latina – O&G da Aggreko

De um lado, as empresas precisam garantir a continuidade da operação e a segurança energética em contextos de demanda crescente, instabilidade climática e pressões geopolíticas. Do outro, enfrentam cobranças cada vez maiores, tanto internas quanto externas, para reduzir sua pegada ambiental e avançar na diversificação da matriz energética.

Também se faz necessário antecipar os riscos climáticos e preparar as operações para a nova realidade da geração distribuída, das metas de neutralidade e da descentralização energética. As empresas que conseguirem adaptar sua infraestrutura atual para tecnologias de menor emissão, com menor dependência de combustível fóssil no dia a dia da operação, sairão na frente, não apenas do ponto de vista ambiental, mas também regulatório, fiscal e reputacional.



EGT/Stock



Nesse cenário, o papel das empresas de óleo e gás na região vai além de operar com eficiência. Elas são chamadas a liderar a transformação, usando sua capacidade financeira, técnica e logística para viabilizar soluções híbridas, apoiar políticas públicas, e construir modelos energéticos mais resilientes. Isso requer planejamento estratégico, mas também agilidade na implementação de novas tecnologias, capacidade de resposta diante de crises e parcerias que ofereçam soluções sob medida para contextos específicos.

As empresas precisam investir em infraestrutura energética adaptável, capaz de sustentar operações críticas mesmo em regiões com instabilidade hídrica, política ou de rede elétrica. Isso inclui desde geração móvel até soluções híbridas e armazenamento inteligente. O uso estratégico de soluções temporárias pode ser decisivo tanto para garantir continuidade operacional quanto para reduzir a emissão de carbono em fases de transição ou pico de demanda.

“Na transição energética, velocidade e adaptabilidade são tão importantes quanto a tecnologia. As empresas que

contam com parceiros capazes de combinar conhecimento técnico profundo, presença regional e soluções flexíveis como geração móvel, armazenamento inteligente e integração de renováveis, conseguem responder rapidamente às mudanças do mercado e às exigências ambientais, mantendo a operação segura e eficiente em qualquer cenário”, completa Rossi.

Além disso, é hora de tratar a eficiência energética como ativo competitivo, e não apenas como compromisso ambiental. Reduzir perdas e melhorar a gestão do consumo será essencial para sustentar esse avanço sem comprometer as metas climáticas. Tecnologias de monitoramento remoto, automação e controle de demanda devem fazer parte da estratégia central do setor.

Por fim, a colaboração com parceiros locais experientes pode acelerar esse processo. Empresas com presença regional, conhecimento técnico e soluções modulares ganham valor diante da complexidade da transição energética latino-americana. O futuro do setor passa por uma matriz mais limpa, mas também por uma infraestrutura mais ágil, segura e preparada para se adaptar — tanto aos desafios ambientais quanto às transformações do mercado.



tifonimagés/Stock



SOBRE A AGGREKO

Aggreko é um líder global em soluções de energia, fornecendo soluções modulares de energia e controle de temperatura que podem ser implantadas rapidamente, por quanto tempo forem necessárias. Somos especialistas setoriais altamente qualificados, que combinam nosso conhecimento técnico proprietário em aplicações e capacidade de engenharia para fornecer soluções de energia eficientes, confiáveis e sustentáveis.

Com experiência em trabalhar nos ambientes mais exigentes, estamos disponíveis para os clientes quando eles mais precisam, desde serviços críticos de emergência até soluções de energia de longo prazo. Estamos continuamente investindo em produtos, combustíveis e serviços mais sustentáveis para tornar soluções mais limpas acessíveis aos clientes, ajudando-os em qualquer etapa de sua jornada de transição energética. Fundada em 1962, temos sede no Reino Unido e empregamos mais de 6.800 pessoas em todo o mundo.

Para mais informações, visite nosso site em www.aggreko.com

